

Especulações em torno do conto

JORGE TUFIC
COLABORADOR*

**Poeta e ensaísta*
Diário do Nordeste, 2.12.2012



Os manuais e os dicionários de literatura ensinam que o conto deve ter em si um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, uma única célula dramática

Por isso, o conto rejeita as digressões e as extrapolações, ou seja, o passado anterior ao episódio é irrelevante, assim como o são os sucessos posteriores. Sendo o tempo limitado ao momento do drama, também o espaço seria circunscrito a uma sala, um cômodo. Sendo tudo tão restrito, por que as personagens seriam muitas? E a linguagem do conto? A da concisão, com predomínio do diálogo. Chegado o epílogo, o contista há de ter guardado um enigma. Ou o desfecho

inesperado, embora determinado desde o começo. E mais uma infinidade de regras, limites, modelos. Veja-se o fragmento de um modelo exemplar de conto, escrito por José Maria Moreira Campos, sob o título "A caixa de fósforos vazia": (Texto I)

Uma forma

Se todos os contistas assim elaborassem contos, há muito teríamos deixado de lado esse gênero cada vez mais rico, por se empobrecer, se uniformizar. Pois não é difícil escrever conto com obediência ao enunciado nos manuais. Os próprios escritores de manuais, os dicionaristas, os professores de literatura, os estudiosos do conto seriam bons contistas. Bastava-lhes seguir o modelo. E assim se deu durante muito tempo. E assim se dá há muito tempo. Não se pode negar, no entanto, que bons contistas não se afastaram de todo (ou em todas as composições) desse molde. Machado de Assis elaborou contos de estrutura tradicional. Guimarães Rosa também. E tantos outros. Assim como escritores medíocres realizaram contos de forma nova, moderna ou revolucionária. Ou seja, o bom conto tanto pode se moldar na tradição como na inovação. Ou não se moldar a nada.

Dois olhares

O crítico Wilson Martins, no artigo "Contistas", fez estas observações a seguir, com muita agudeza e propriedade, pondo em relevo a sua marca personalíssima: (Texto II)

Segundo Assis Brasil, em *A nova literatura* (Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1973), o conto brasileiro se renovou com Samuel Rawet, cuja estreia se deu em 1956 na coleção *Contos do Imigrante*. E assim argumenta o crítico: (Texto III)

As duas faces

Muitos são os contistas e poetas que mantinham engavetados (ou, melhor dizendo, arquivados em computador) seus escritos e, estimulados por leitores de sites e blogs (também escritores em potencial), resolveram publicar o primeiro livro. Alguns não vêm de muitas leituras, de muitos exercícios de escrita, ou leram e leem, apressadamente, tudo o que lhes aparece diante dos olhos, desde piadinhas e os chamados "contos eróticos" até clássicos da literatura universal. Leituras açodadas, sem anotações, sem consulta a dicionários, etc. A maioria desses novos escritores segue uma linha, um roteiro, uma estrada larga e longa, certos de que lhes espera a fama, a glória. Não conhecem as veredas, os atalhos, as pedras no meio do caminho, os córregos escondidos na mata. Muito menos os subterrâneos e os céus. Vão em procissão ou atrás do trio elétrico. Todos juntos, unidos, de mãos dadas. Seguem o padre, o pastor, o caminhão do som. Cantam o mesmo refrão. Estão na folia de reis ou na folia do carnaval. São, antes de tudo, foliões. Poucos desses contistas e poetas novos vêm da leitura dos contos de fadas, dos poetas românticos, parnasianos e simbolistas, dos romancistas russos e franceses do século XIX, dos rabiscos

na adolescência, dos primeiros versos na juventude, dos arremedos de contos e romances ao tempo da escola e da faculdade. Poucos se vão fazendo escritores. Sabem que não nascemos feitos, prontos. Muito menos que esse "estar pronto" (ou quase pronto) não se dá num passe de mágica.

Trechos

TEXTO I

Sentava-se na beira da rede do sobrinho (era casada com um irmão da mãe dele), cujos punhos roçavam a beira do fogão no canto da cozinha. Dizia-lhe ao ouvido que fazia aquilo para que ele não pegasse doença com as mulheres da vida. Apertava-lhe os ombros: ele tão moço, tão alvo! Gostava de gente moça assim. Agradava-lhe o rosto, e os dedos ainda fediam à cebola da cozinha. Descia-lhe a mão sobre o peito, o ventre, abria-lhe o botão da cueca encardida. Não queria que ele pegasse doença nessas casas de mulheres à-toa. Levantava os olhos para o alto da telha-vã, onde o fogão punha teias de fuligem pendentes dos caibros:

- Tenho certeza de que lá no céu sua mãe há de me agradecer.

A tia era mãe cristã, com a sua grande medalha, a mantilha e o manual, ao sair para a novena, dando antes um toque ao cabelo aparado no espelho barato do corredor.

- Tenho certeza de que lá no céu sua mãe há de me agradecer.

O moço mantinha-se calado. Todas as coisas se mantinham caladas. Só eles dois e o gato encolhido ao lado da jarra, que tinha a boca amarrada com o pano, o cabo comprido do caneco pendente do prego.

- Essas mulheres da vida. Tenho certeza de que sua mãe há de me agradecer.

TEXTO II

Em termos de literatura, escrever um conto não é contar uma história por escrito - é contá-la com estilo literário, ou seja, com elegância linguística, verossimilhança, sábia estruturação no desenvolvimento da intriga, desenho convincente no caráter dos personagens e invenção de pormenores, tudo concorrendo para defini-lo como obra de arte literária. Também nessa arte tem validade a lei de economia segundo a qual a moeda má expulsa a boa: desanimado com a enxurrada de pseudocontos publicados por pseudocontistas, Mário de Andrade, em desespero de causa, declarou ser conto tudo o que os autores designam como conto - afirmação sarcástica cuja ironia passou larga e convenientemente despercebida, com este resultado inesperado e não menos irônico: passou a ser conto tudo o que se publicava como conto...

TEXTO III

Aquela história linear, de começo, meio e fim, prima-pobre da novela e do romance, quebrava sua feição tradicional em busca de outros valores formais" (...) o conto adquiria uma forma autônoma, não mais ligado ao convencional do enredo.

FIQUE POR DENTRO

A escritura como uma aprendizagem

Estreou em livro Graciliano Ramos aos 41 anos de idade. Isto não quer dizer que tenha começado a escrever tarde. O exercício de escrever está para o escritor como o exercício de andar e falar está para os recém-nascidos. O aprendizado faz-se lentamente. Escrever, no entanto, não é um mecanismo inerente a todos. Como não o é compor música ou pintar quadros. Exercitar o ato de escrever pode resultar num São Bernardo, após anos e anos de exercício contínuo, diário,

quase febril. Ou pode redundar em historietas de gosto discutível. Isso quando o candidato a escritor é muito pretensioso. Quando não o é, termina escrevendo artigos ou reportagens. Se chegar a tanto. Ressalte-se, ainda, que, em sua obra, Graciliano Ramos, prefere sempre a representação da realidade sob o crivo da reflexão, por isso impõe a si mesmo o despojamento da sentimentalidade e do lirismo efusivo, ressaltando nas personagens a substância humana. Não valorizou o exótico, tampouco o pitoresco; e a paisagem só assoma no texto quando associada a estados psíquicos.



A arte, ao contrário da ciência ou da sabedoria, é um mistério até para seu criador. Porque o artista é também um homem comum, embora momentaneamente arrebatado pelo mistério da arte. O artista não "entende" a arte que ele mesmo reflete, exceto no instante da "criação", ou, melhor dizendo, da captação. Se o chamado artista entende sua chamada arte, nem ele nem ela são artista e arte. São copiadore, no pior dos casos, ou técnicos em escrever, no caso do simplesmente escritor. Ou apenas homens inteligentes. O artista não é necessariamente um homem inteligente.

A descoberta

O narrador (autor de prosa de ficção), como o poeta, é um curioso, um escavador, um repórter. Um vagabundo à cata de aventuras, de pessoas, de fatos. Para disso extrair a matéria-prima de

suas "criações" ou "criaturas". Os outros não percebem nada, porque, no máximo, veem. Ou não veem, porque não buscam ver.

Nenhum ficcionista cria tipos, inventa personagens. Se o fizesse, estaria abstraindo o homem e fracassaria como escritor. O que realiza é, primeiro, uma descoberta, porque o ser humano é sempre terra desconhecida. Descobre o seu semelhante. Crê na sua existência, como os navegadores antigos acreditavam nos mundos novos. E parte no seu rumo. E o explora, sozinho. Penetra-o, confunde-se com ele. Revela-o. O ficcionista é um revelador. De mundos reais e quase sempre ignorados. Leia-se o fragmento do conto "As corujas", de José Maria Moreira Campos: (Texto IV)

Os pedaços de lona ficam dobrados a um canto da sala escura. Ele os apanha e cobre os mortos. Os pedaços de lona são sempre curtos, deixando à mostra os pés inertes. Indispensável fazê-lo. Depois fechar a luz triste da lâmpada, que desce pelo fio longo com as teias de aranha. O facho da lâmpada de pilhas ainda percorre o teto de travejamento antigo. Crescem e oscilam as sombras: as botas de cadarços do alemão contra a parede - umas botas de muitas viagens. As corujas rasgam mortalha a noite toda na copa das altas árvores do terreno.

Das definições

A história curta, tradicionalmente conhecida como conto, não só tem servido de objeto de discussões de ficcionistas e teóricos da literatura em busca de definições, como tem dado ensejo a constantes rebatimentos, mercê das transformações que tem sofrido. Muitos encontraram belas e grandiosas definições. Arranjar, porém, novos nomes para o gênero parece tarefa sem proveito. Porque a cada definição e a cada transformação seria preciso um novo batismo. Assim, o termo

relato, se serve a Borges, não se amolda a Rubião. Até um mesmo escritor cultua o gênero sob diversas formas. Todo contista sonhará escrever um grande romance? Contos mais longos seriam ensaios para romances? Talvez sim, inconscientemente. Ensaio que não deveria ser levado ao palco, sob pena de vaias do público. Os bons narradores escrevem contos ou romances e novelas. Nunca confundem alhos com bugalhos.

Da estrutura

Talvez seja equivocada a ideia de unidade temática em livro de contos. Ora, uma peça curta, como conto e poema, será sempre uma peça curta, mesmo que momentaneamente inserida num volume junto a outras. Quando se fala de "Cantiga de esponsais", pouco importa se foi publicada neste ou naquela coleção de Machado de Assis, embora só pudesse estar em Histórias sem data, porque assim o quis o autor. Mas isso não significa nada para o leitor (é de interesse do pesquisador, do estudioso, do historiador, etc).

Os gêneros literários estão em constante mutação e interligação. No Brasil ainda se praticam contos aos modos de Flaubert, Balzac, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Maupassant, Tchecov e outros, todos diferentes entre si. Uns se perdem no meio do caminho e enveredam pela crônica. Outros querem escrever História, que também é crônica. Há até o conto-ensaio. A maioria, no entanto, permanece presa aos ditames do velho e bom realismo. Uns não se afastam do sertão ou do mundo rural. Outros se transviam pelos becos das urbes. Há os que não sabem de matos nem de ruas e preferem os meandros da mente. Uns leram muito, outros nada leram. Uns souberam vagar pelos abismos de Poe, pularam fora dos livros, outros perma-

neceram de olhos vidrados na paisagem aberta diante de suas janelas. Uns se exercitaram mais, outros se contentaram com os primeiros mugidos. Tem sido assim, é assim, será assim sempre.

Considerações finais

Não há mais o conto, no sentido tradicional, dicionarizado do termo. Conto é apenas termo literário de manual e dicionário. Para orientação dos editores e dos professores de literatura.

Quem disse que Machado só escreveu contos, romances, poemas e crônicas? Gilmar de Carvalho escreve legendas, Carlos Emílio escreve delírios verbais, Jorge Pieiro escreve contemas, outros querem imitar, assim, Maupassant ou Tchekov. O que importa não é a forma, se há atmosfera ou não, se há enredo ou não. Ser ou não ser conto, isto é lá para os filósofos. Importa ser arte literária: (Texto V)

Quanto à literatura amazonense, eu lhes sugiro, aqui, se for o caso, recorrerem aos meus livros "Existe uma literatura amazonense?", "Roteiro da Literatura Amazonense", "Curso de Arte Poética" e "Amazônia: o massacre e o legado", todos ao dispor de consulentes e estudantes na sede da Academia Amazonense de Letras, na qual são mantidos, também, os arquivos pessoais de cada membro desta Casa. No entanto, a partir de 1982, com o surgimento da nova geração de escritores e poetas, essa história muda de rumo na questão do suporte (Internet), podendo ser avaliada nos sites e nos blogs, a exemplo da palavradofingidor, de Zemaria Pinto, <http://Jorge-tufic.blogspot.com/>, entre vários outros que interligam a palavra ao vasto universo amazônico.

A palavra na ficção, problematiza-se ou resulta em ficção. Ave, palavra! De quem saúda, no voar do pássaro, o poder, imenso, que nos en-

grandece e torna sublimes.(J.T.)

Trechos

TEXTO V

Nádia Glotlib, em sua Teoria do Conto, discorre acerca dessas questões: "O conto, no entanto, não se refere só ao acontecimento. Não tem compromisso com o evento real. Nele, a realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino.

A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se de registrar qual realidade nossa? A nossa cotidiana, do dia a dia? Ou a nossa fantasiada? (Ática, 2011, p. 12)

TEXTO IV

Ele conversa muito consigo mesmo, repete-se, os olhos no chão e metido no dólma de brim listrado, os pés redondos nas alpercatas de rabiço. Resmunga, insiste. Fecha as janelas do velho necrotério. Apanha os pedaços de lona e, com eles, cobre os mortos sobre as lousas. Deixa-lhes apenas os pés de fora: a mulher sem chinelos, com sangue coagulado entre os dedos abertos; as grandes botas gastas e de cadarços do alemão andarilho, que amanheceu morto no oitão do armazém da praia, onde se alojara (o enorme saco e o livro de impressões, folheado por muitos dedos, foram recolhidos à delegacia). É preciso cobrir os mortos, proteger-lhes as cabeças. As corujas descem pela claraboia. Têm voo brando, impresentido, num cair de asas leves, como num sopro de morte. De repente dá-

se conta de sua presença, das asas de pluma,
sem ruído. Alteiam-se e pousam sobre o peito
dos mortos, arranhando-lhes os olhos parados,
que fulgem na noite, divididos ao meio:

- Xô, praga!

SAIBA MAIS

BOSI, Alfredo. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1975

JOLLES, André. Formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976

LIMA, Herman. Variações sobre o conto. Rio de Janeiro: MEC, 1952

MESQUITA, Samira Nahid. O enredo. São Paulo: Ática, 1986

PROPP, Vladimir. Morfologia do conto. Lisboa: Editorial Veja, 1978